



Pandemia de coronavírus deixa legado de superbactérias resistentes a remédios

Internações prolongadas e aumento do uso de antibióticos favoreceram a proliferação de bactérias multirresistentes

TISA MORAES

Longas internações, pacientes intubados, profissionais sobrecarregados. Este, por um longo período durante a pandemia da Covid-19, foi um cenário que se repetiu dentro dos hospitais em todo o globo. Esta conjuntura favoreceu a proliferação de bactérias multirresistentes a antibióticos, incluindo os de última linha, além de diminuir a eficácia de medicamentos para outras bactérias que circulam em UTIs, até então menos difíceis de serem tratadas.

O assunto tem preocupado a comunidade científica e foi abordado pelo professor Carlos Magno Fortaleza, da Faculdade de Medicina da Unesp Botucatu, em evento realizado na última terça-feira (9), no Centro de Estudos do Hospital Unimed Bauru. De acordo com ele, que também é presidente da Sociedade Paulista de Infectologia, foi observado, durante a pandemia, um aumento principalmente das superbactérias *Klebsiella* e *Acinetobacter*, que são resistentes aos carbapenêmicos, classe de medicamentos muito utilizada em UTIs para tratamento de infecções hospitalares graves.

"Normalmente, as infecções hospitalares já são por bactérias que possuem alguma resistência aos antibióticos de última linha, bactérias que já existiam, mas que passaram a circular com maior frequência. E, com o aumento do uso dos antibióticos, elas começaram a apresentar novos padrões de resistência. Os carbapenêmicos, por exemplo, eram efetivos contra grande parte

destes micro-organismos em UTIs. Mas, com a pandemia, as bactérias suscetíveis diminuíram e as resistentes ganharam espaço", relata.

FATORES

Fortaleza integrou um estudo junto a cientistas da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), segundo o qual infecções causadas pela superbactéria *Acinetobacter baumannii*, uma das mais perigosas do mundo, aumentaram 56% entre pacientes internados em UTIs entre 2019 e 2020, durante a pandemia. A pesquisa analisou mais de 11 mil infecções bacterianas registradas em 99 hospitais paranaenses.

Além do uso mais frequente de antibióticos, o professor explica que outros

fatores colaboraram para o crescimento da circulação de bactérias multirresistentes nestes últimos dois anos dentro das unidades de saúde, como as longas internações no momento em que os médicos já tinham protocolos mais bem definidos de tratamento, inclusive de pacientes graves, mas ainda não havia vacina disponível para a população. "E vale destacar que, quando a pessoa está na UTI, com dispositivos invasivos como ventiladores mecânicos, sondas urinárias, cateteres venosos, ela se torna mais vulnerável às infecções", comenta.

Além disso, com sobrecarga de trabalho, os profissionais de saúde ficaram mais sujeitos a falhas relativas à higienização das mãos e outras medidas preventivas. "Fora que todos os esforços para o uso racional de antibióticos caíram por terra durante a pandemia, porque eram muitos pacientes graves a serem tratados. O controle do uso de antibióticos foi, de fato, menos eficaz", acrescenta.

ALTA DE 56%
De infecções causadas pela *Acinetobacter baumannii*, na pandemia



Carlos Magno Fortaleza: problema além dos hospitais



Edson Carvalho de Melo, da Unimed, e o professor Carlos Magno Fortaleza participaram de evento sobre o assunto

Atenção

Segundo o professor Carlos Magno Fortaleza, um levantamento realizado pelo Ministério da Economia da Inglaterra sugere que, em 2050, as superbactérias serão a principal causa de morte naquele país, superando cânceres, diabetes, acidentes de trânsito, infarto e AVC. "E, a partir deste estudo inglês, há uma ideia de que haverá um crescimento exponencial das mortes por estas bactérias resistentes no mundo todo", alerta. A estimativa é de que, se não forem adotadas medidas em nível global nestas três décadas, o número de mortes no globo por esta causa seja elevado de 700 mil para 10 milhões por ano.

Fortaleza cita que, apesar de as superbactérias dentro dos hospitais gerarem maior atenção, o fenômeno da resistência ocorre também fora destas unidades, com perda de eficácia de alguns medicamentos para tratamento de doenças como infecções urinárias ou pneumonias. "É algo que preocupa. Tanto que a Organização Mundial de Saúde listou, há cerca de cinco anos, a resistência microbiana como um dos pontos prioritários para ação internacional coordenada de prevenção", destaca.

Ao mesmo tempo, a indústria farmacêutica busca disponibilizar ao mundo antibióticos mais potentes, que vêm sendo desenvolvidos ao longo dos anos, mas que ainda possuem custo elevado, conforme destaca o médico Edson Carvalho de Melo, coordenador do Serviço de Controle de Infecção Hospitalar e presidente do Núcleo de Segurança do Paciente do Hospital Unimed Bauru. "Estes antibióticos precisam ser usados de forma criteriosa. Senão, se tornarão indutores de resistências ainda maiores, dificultando o tratamento dos pacientes", completa.



Covid alerta Saúde e cientistas para doenças com potencial epidêmico

Pandemia reforçou necessidade de unir esforços para reconhecer sinais precoces de doenças que podem se alastrar pelo globo

TISA MORAES

A pandemia da Covid-19 provocou aumento da circulação de bactérias resistentes a antibióticos, consideradas uma das maiores ameaças à saúde global, mas também trouxe maior conscientização para gestores públicos, pesquisadores e médicos de uma forma geral sobre a importância de reunir esforços para que seja possível reconhecer, o quanto antes, os chamados sinais precoces de doenças com potencial pandêmico ou epidêmico. Professor da Faculdade de Medicina da Unesp Botucatu, o médico infectologista Carlos Magno Fortaleza explica que este monitoramento já é realizado há bastante tempo por grupos como o que compõe o Programa para Monitorização de Doenças Emergentes (Promed), detentor de um dos maiores sistemas públicos do mundo de informações sobre surtos.

Ele é um dos que promove a comunicação com a comunidade internacional, incluindo cientistas, médicos, veterinários, epidemiologistas, profissionais de saúde pública e outros interessados em doenças infecciosas em escala global. Os relatos recebidos são analisados e, se forem dignos de atenção, são divulgados e começam a ser mapeados.

“Isso ajudou, por exemplo, a identificar precocemente a Síndrome Respiratória Aguda Grave (Sars), na China, em 2003. Com a pandemia de Covid-19,

entendemos que estes modos de buscar dados sensíveis, como o aumento do uso de antitérmicos em um determinado país, podem ajudar a direcionar uma ação de prevenção a este lugar, com o objetivo de evitar que uma doença se dissemine por todo o mundo”, explica.

UNIÃO DE FORÇAS

Ainda de acordo com Fortaleza, o novo coronavírus reforçou que todos os países precisam agir conjuntamente para prevenir doenças com potencial pandêmico e prevenir sua proliferação, o que já é preconizado pelo Regulamento Sanitário Internacional, cuja última versão é de 2005, devendo ser atualizada agora. “As análises destes sinais precoces de doenças têm sido aprimoradas, os bancos de dados estão cada vez mais transparentes, a colaboração entre pesquisadores e profissionais de saúde pública aumentou muito e as universidades se tornaram mais próximas dos gestores públicos. São legados bons de uma tragédia como foi a pandemia de Covid-19. Estamos aprendendo muito agora para fazermos melhor da próxima vez”, completa.

ANTITÉRMICO

Alta no uso em um país pode ajudar, por exemplo, a direcionar ações

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal da Cidade - Bauru/SP

Seção: Novos desafios **Página:** 6 e 7